

ILÍADA CANTO XIV
DIÒS APÁTE: ZEUS ILUDIDO

Haroldo de Campos
[Poeta e tradutor]

Não escapou de Néstor o alarido, embora
entretido a beber. A Macãone Asclepiade
disse palavras-asas: “Que rumo presumes
as coisas vão tomar? Cresce o clamor dos jovens
5 junto às naus. Bebe o vinho roxo-flâmeo e fica
aqui sentado, enquanto Hecamede, madeixas-
-lindas, te aquece um banho e os coágulos de sangue
n’água quente se lavam. Junto a um atalaia
vou-me informar de tudo.” Falou e apanhou
10 o broquel bem-lavrado do filho, o ágil éqüite
Trasimedes, o qual lhe sobraçara o escudo
deixando-lhe na tenda o seu, brônzeo-brilhante.
Tomou da rija lança, então, pontiaguçado
bronze e, fora da tenda, viu a triste cena:
15 acossados uns, outros acuando; os Troianos
impam; rota a muralha grega. Como o pélogo
amplo-purpúreo se infla, ao longe, de ondas mudas,
pressentindo o sonoro vendaval e freando
o tumulto da vaga, até que Zeus defina
20 o rumo de seu sopro; o velho assim, amargo
no coração, sentia-se hesitar: mergulhar
no vórtice dos Dânaos de corcéis-velozes,
ou procurar o Atreide Agamêmnon, o rei;
este o melhor alvitre, ponderou. Enquanto
25 isso, matavam-se uns aos outros os guerreiros:
golpes de lança e espada, o bronze circunsoando.

Desembarcam das naus e encontram-se com Néstor
 os basileus, progênie de Zeus, pelo bronze
 feridos, o Tideide, Odisseu, Agamêmnon
 30 Atreide. Suas naus, longe da luta, no seco,
 à beira do mar branco-espumante; perto,
 as primeiras, da borda, o muro levantando-se
 à popa das extremas; não cabiam na praia
 todas, embora larga; as tropas se apinhavam;
 35 por isso, dispuseram as naus em fileiras,
 preenchendo a embocadura ampla entre os promontórios.
 Acorreram os três, na ânsia de ver a guerra
 e o tumulto, arrimados às lanças. No peito,
 o coração lhes doía. Vai ao encontro deles
 40 Néstor. Ao vê-lo, no íntimo, tremem os Dânaos.
 Agamêmnon, o rei, lhe diz estas palavras:
 “Néstor Neleide, glória e grandeza dos Gregos,
 por que, largando a guerra, estrago-de-homens, vieste
 aqui? Temo que o forte Héctor cumpra o que na ágora
 45 troiana disse, quando ameaçou não voltar
 das naus para Ílion, antes de ter posto fogo
 à frota e trucidado a todos nós. Assim
 falou na ágora. E tudo, hoje, está-se cumprindo.
 Ó deuses! Os Aqueus, belas-cnêmides, no ânimo,
 50 como Aquiles, assestam em mim flechas de ira
 e, à popa das naus, negam-se a lutar por elas!”
 Responde-lhe, então, Néstor, éqüite gerênio:
 “Tudo isso se perfez, é fato; nem o próprio
 Zeus Trovejante pode desfazer o feito.
 55 O muro em que nos fiávamos como baluarte
 inquebrantável para nós e para as naus,
 ei-lo em ruínas. Os Tróicos travam luta cruenta,
 sem pausa, junto às naves. Mesmo o observador
 atento não tem como dizer de onde acuam
 60 os aossados Dânaos numa tão confusa
 carnagem. No alto céu, os clamores reboam.
 Pensemos no que está por vir, se a mente o alcança.
 À luta não devemos voltar, pois feridos
 não podem combater.” Agamêmnon, o rei,
 65 lhe replica: “Pelejam em torno às naus, Néstor,
 não nos valeram muro e fosso que tamanha
 fadiga aos Dânaos deram – de coração, fiávamos

neles como um baluarte inquebrantável para
 as naus, para nós. Zeus, talvez, se agrada, o todo-
 70 -potente, de que nós morramos longe de Argos,
 em renome, aqui. Via que antes nos tutelava,
 aos Dânaos; vejo agora que honra a outros como
 a numes venturosos; a nós, as mãos e o ímpeto,
 amarrou-nos. Então, obedeçam-me o mando:
 75 as naus postas primeiro a seco à beira-mar,
 façamos arrastar e lançar ao salino-
 -mar divino, detendo-as sobre a água mais funda,
 nas âncoras de pedra, até que chegue a noite
 imortal; caso os Tróicos cessem de lutar,
 80 lançaremos ao mar as demais; fugir, mesmo
 de noite, não desdoura. Antes fugir do mal
 que se deixar colher.” Odisseu, multiastuto,
 olhar turvo, intervém: “Atreide, que proferes
 do encerro de teus dentes? Malsinado! O céu
 85 de uma tropa de frouxos te desse o comando,
 e não o de homens como nós, por Zeus fadados
 da juventude à idade provecta, a enfrentar
 duros prélios, até a morte. Queres de fato
 deixar a pólis, ruas-amplas, onde sofremos
 90 tanto? Cala-te. Não te escute nenhum Dânao
 essas palavras; homem algum de sua boca
 as deixara escapar, caso tivesse em mente
 a fala justa, máxime um rei porta-cetro,
 a que tantos guerreiros seguem, como os Dânaos
 95 a ti. Repilo teu falaz discernimento,
 tudo o que propuseste. O tumulto e a luta ainda
 perduram, e concitas a lançar ao mar
 as naus de belos bancos! É o que os Tróicos querem,
 eles que já nos vencem. Para nós, é a ruína!
 100 Vendo os navios ao mar, os Aqueus cessarão
 de combater, buscando um jeito de fugir
 da pugna. Teu conselho, ó rei, será fatal!”
 Replica-lhe Agamêmnon, soberano-de-homens:
 “Teu áspero reproche, Odisseu, feriu fundo
 105 meu coração. Jamais ordenei aos Aqueus
 que lançassem ao mar, a contragosto, as naus
 de belos bancos. Quem tiver melhor alvitre,
 que o exponha, veterano ou moço, me dará

- prazer.” Diomedes, brado aguerrido, intervém:
- 110 “Eis o bom conselheiro. Está bem perto. Inútil
procurá-lo mais, caso o desejeis seguir
sem zanga por ser eu de todos o mais jovem.
Orgulho-me da estirpe de meu pai, o bravo
Tideu, que a terra tumular recobre em Tebas.
- 115 Nasceram de Porteu três imáculos filhos,
que habitavam Pleurona e a altiva Calidona,
Ágrio, Melante e Oineu, domador-de-cavalos,
o terceiro, em valor primando sobre os outros,
o pai de meu pai, o qual (meu avô ficou
- 120 na pátria) – e só depois de muita errância –, em Argos
se fixou, por vontade de Zeus e dos numes.
Desposou uma filha de Adrasto e habitava
mansão rica de bens, possuindo terras férteis,
cercadas de alamedas de árvores frutíferas,
- 125 e rebanhos. Na lança superava a todos.
É a verdade e o sabeis. De estirpe vil e frouxa
não podeis me acoimar, desprezando a proposta
que vos fiz, clara e reta. Voltemos à luta,
mesmo feridos. Urge. Evitemos as flechas,
- 130 porém, que uma ferida a outra ferida não
se sobreponha; àqueles, aos que, animadversos,
mantiveram-se à margem, à guerra os instemos.”
Falou. Todos o ouviram. Pronto o obedeceram.
Moveram-se e Agamêmnon os guiava, senhor-
- 135 -de-homens. O Treme-terra ilustre não vigiava
às cegas. Na refrega, semelhando um velho,
se mete e pela mão destra toma Agamêmnon
Atreide, proferindo estas palavras-asas:
“O coração ruinoso de Aquiles – ó Atreide –
- 140 vendo a matança e a fuga dos Aqueus, exulta,
com certeza, em seu peito, pois não tem um mínimo
de senso. Morra, então! E um deus de opróbio o cubra!
Mas contra ti os numes venturosos não
guardam grande rancor; os príncipes e hegêmones
- 145 de Tróia já verás, de pó cobrindo os vastos
plainos, a fugir, longe das naves e tendas,
para a pólis.” Falou. E com berro fortíssimo
se lançou à planura. O urro de nove, dez
mil homens em combate, aguerridos em Ares,

150 tão alto não atroara como o que do peito
 soltou o Treme-terra, insuflando aos Aqueus
 vigor de coração para a luta sem trégua.
 Do vértice do Olimpo, Hera, trono de ouro, olha
 céu-abaixo e de pronto reconhece o irmão
 155 e cunhado empenhado na guerra gloriosa
 a todo fôlego; íntima alegria a toma.
 Mas vê também a Zeus, sentado no mais alto
 píncaro do Ida multifluente e calafrios
 de horror ao coração lhe afligem. Hera augusta,
 160 olhos-de-toura, vai maquinando um engodo,
 grato à mente de Zeus Porta-escudo. O melhor
 desígnio lhe parece ir toda bela, até
 o Ida, coberta de ricos adornos. Zeus,
 talvez, ardesse por dormir colado ao corpo
 165 dela; cáldido-calmo, então, o sono-de-Hipnos
 pudesse à mente arguta e às pálpebras verter-lhe.
 Entrou, assim, no tálamo que o filho, Hefesto,
 lhe construía, com sólidas portas aos gonzos
 presas e um sigiloso fecho que outro deus
 170 nenhum abria. Entrou, cerrando as portas rútilas.
 Lavou com ambrosia o corpo encantador,
 livre de toda mancha; ungiu-o de óleo ambróseo,
 espesso, suave, que ela mesma perfumara.
 Do brônzeo piso do solar de Zeus à terra
 175 e ao céu o aroma se exalava. Ungido o belo
 corpo, os cabelos bem-penteados, entramou-os,
 à mão, em tranças rebrilhantes, ambrosíacas,
 a pender da cabeça imortal, lindas. Peplo
 divino-ambróseo – Atena o tecera em dedáleos
 180 recamos –, vestiu-o e com broches de ouro ao colo
 o prendeu. Cingiu cinto ornado de cem franjas;
 nos lóbos bem-furados pôs um par de brincos
 de três gemas, amoras cintilantes quase.
 Toda-graça, esplendia. Um véu, novo, cobriu-lhe
 185 a divina cabeça, belo, claro, um sol.
 Aos pés que reluziam atou belas sandálias.
 Depois de se enfeitar com todos os adornos,
 deixou o tálamo e chamou por Afrodite,
 à parte dos demais deuses, para dizer-lhe:
 190 “Agora me darás atenção, cara filha,

ou vais negar-me ouvidos, coração-colérico,
 porque estou com os Gregos e apóias os Tróicos?”
 Afrodite, gerada por Zeus, lhe responde
 de pronto: “Hera divina, progênie de Cronos,
 195 grandíssimo: o que queres, dize-me, pois manda
 meu coração que o faça, se o puder fazer,
 se for factível.” Hera, augusta, enreda-tramas,
 retorna: “Dá-me, então o amor e o impulso de eros,
 amavios com que domas deuses e mortais.
 200 Aos extremos da terra multinutriz, vou
 ao pai dos deuses ver, o Oceano, e à deusa-mãe,
 Tétis, que em seu solar me nutriram e criaram,
 das mãos de Réia me recebendo, quando Zeus,
 altíssimo, arrojou Cronos no mais profundo
 205 da terra e do mar não-arável. Quero vê-los
 e pôr fim à discórdia antiga, que afastou
 do seu leito de amor aos dois, faz muito. Se eu
 pudesse persuadi-los a reatar na cama
 os elos amorosos, teria para sempre
 210 o amor e o louvor de ambos.” E Afrodite, a deusa
 amadora-do-riso: “Não posso, nem devo
 opor-me à tua palavra, pois dormes nos braços
 de Zeus poderosíssimo.” Disse e do seio
 o cinto pespontado desprende, policromo,
 215 adornado de todos seus encantos: lá
 o amor e o impulso de eros; o enlace de núpcias
 e o enlevo sedutor, que mesmo aos sábios faz
 perder o juízo. Tudo lhe depôs nas mãos.
 E, nomeando seu nome, ela assim lhe falou:
 220 “Toma. Cinge este cinto policolorido,
 onde tudo se encontra. Não voltarás sem
 obter o que tua mente anseia.” Olhos-de-toura,
 divina, Hera sorriu e rindo o pôs no seio.
 Voltou ao paço a filha de Zeus, Afrodite.
 225 Hera deixou, de um salto, o vértice do Olimpo;
 ultrapassou a Piéria e a aprazível Emátia,
 alteou-se aos níveos montes dos doma-corcéis
 trácios, sobre os mais altos cimos sem tocar
 os pés na terra; do Atos baixou ao mar, de ondas
 230 espúmeas, alcançando a pólis de Toas, Lemnos.
 Depara então com Hipnos-Sono, irmão de Tánatos

letal. A mão lhe toma, diz-lhe o nome e fala:
 “Hipnos, senhor dos deuses todos e de todos
 os homens: escutaste outrora meu pedido;
 235 agora, me obedece de novo e serei
 sempre grata; adormece os olhos de Zeus, rútilos,
 sob os cílios, assim que nos deitarmos juntos,
 fazendo amor: soberbo trono em ouro eterno
 te darei, por meu filho, o manco Hefesto, feito,
 240 bem-trabalhado; e para repousar teus pés,
 luzentes nos festins, também um escabelo.”
 Em resposta lhe diz Hipnos, doce-profundo:
 “Hera Augusta, divina progênie de Cronos
 grandíssimo, decerto posso adormecer,
 245 fácil, outro, qualquer dos sempiternos, mesmo
 as torrentes do rio-Oceano, pluripai
 dos deuses. Mas a Zeus, filho de Cronos, não,
 a não ser que me ordene. Já de outra vez, quis
 te atender e aprendi a ser prudente. Foi
 250 quando o sobreanimoso filho de Zeus, de Ílion
 navegava depois do saque à urbe troiana.
 Adormentei, então, doce-profundo, circun-
 fluindo, a mente do Porta-escudo; maquinavas
 no coração maldades contra o herói, soprando
 255 no pélogo furiosa procela, que o atira
 à populosa Cós, longe dos seus. Acorda
 Zeus e raiva, no Olimpo maltratando os deuses
 e me buscando, mais que a todos. Do alto do éter
 ao fundo mar, destruído, me arrojara, não
 260 fosse a Noite, que doma homens e numes; nela
 me refugiei. Temendo ofendê-la, à Veloz,
 Zeus se deteve, irado, embora. Que de novo
 eu perfaça o impossível, me ordenas?” E a deusa
 olhos-de-toura: “Ó Hipnos, que remóis na mente?
 265 Pensas que o Altitonante, por amor aos Tróicos,
 se irá enraivecer, como no caso de Hércules,
 seu filho? Vamos, dou-te a mais moça das Graças
 como esposa, que assim a chamarás, Pasítea,
 da qual, faz muito tempo, estás enamorado.”
 270 Falou. Hipnos, alegre, respondeu-lhe: “Então,
 que seja assim. Mas jurai-me pela água estígea
 inviolável, tocando com a mão a terra

multinutriz e o mar mármore-luminoso
 com a outra; que todos os deuses subterreos
 275 em torno a Cronos testemunhem: me darás
 a mais moça das Graças, Pasítea, de que há
 tempo me enamorei.” Disse. E Hera, braços brancos,
 não contestou. Jurou e nomeou, subtartáreos,
 os deuses que Titãs se chamam, todos eles.
 280 Perfeito e consumado o juramento, os dois
 deixam as urbes de Imbra e Lemno, vestindo ar,
 rapidamente a rota percorrendo. Chegam
 às cristas do Ida, mãe-de-feras, multifluente,
 e do Lecto, desviando-se do mar, prosseguem
 285 por terra: as altas copas da floresta ondulam
 sob seus pés. Aqui parou Hipnos, fugindo
 a fitar Zeus nos olhos. Subiu a um altíssimo
 abeto que, crescido em desmesura no Ida,
 lançava-se, ar acima, até o éter. Oculto
 290 entre as ramas, igual ao pássaro canoro
 que os deuses, nas colinas, apelidam Cálcis
 e os homens, por sua vez, Cimindis. Velozmente,
 galga a deusa Hera o cimo altaneiro do Gárgaro,
 no Ida. Mas Zeus, Ajunta-nuvens, a vê e Eros
 295 lhe enubla a mente sábia, como quando o amor
 na cama os uniu, pela primeira vez, sem
 que os pais nada soubessem. Perto dela, Zeus,
 chamando-a pelo nome, disse-lhe: “O que buscas
 aqui, vinda do Olimpo? Onde o teu carro, os teus
 300 corcéis de montar?” E Hera, a diva enreda-tramas:
 “Aos extremos da terra multinutriz, vou
 ao pai dos deuses ver, o Oceano, e à deusa-mãe,
 Tétis, que em seu solar me nutriram e criaram.
 Quero vê-los e à antiga discórdia pôr fim,
 305 que afastou os dois, faz muito tempo, do leite
 de amor, o coração oprimido pela cólera.
 Meus corcéis, no sopé do Ida multifluente, eu
 os deixei; sobre a terra firme ou sobre as águas
 me levarão. Aqui vim para não zangar-te
 310 por visitar, sem nada dizer-te, o solar
 do Oceano, torrencial-profundo.” E Zeus, Ajunta-
 nuvens: “Hera, mais tarde, podes ir até
 lá, mas agora, vamos para a cama, vamos

às delícias do amor. Eros, jamais, por deusa
 315 ou mulher, desse modo circunflamou meu
 coração e o domou no meu peito. Nem mesmo
 quando me enamorei da mulher de Íxion, mãe
 de Períto, igual a um deus por sua prudência,
 ou da Acrísione Dânae, belos-tornozelos,
 320 que gerou Perseu, entre os homens sobranceiro;
 ou da menina filha de Fênix, famoso,
 que me deu Radamanto e Minos, quase-numes,
 ou das moças tebanas, de Alcmena ou de Sêmele;
 aquela gerou Héracles, de coração
 325 corajoso, enquanto esta, o júbilo dos homens,
 Diôniso; ou de Deméter, belas-tranças; ou
 ainda da celebrada Latona, ou de ti
 mesma, com o ardor de hoje, doce impulso de Eros.”
 E Hera divina, enreda-tramas, respondeu-lhe:
 330 “Ó formidável filho de Cronos, que dizes?
 Se nas alturas do Ida desejas comigo
 fazer amor, repara em nós à luz expostos;
 e se nos surpreendesse um dos eternos numes,
 a nós dois, enlaçados, e o contasse aos deuses
 335 todos? Saindo dos teus braços, eu, com que cara,
 ao palácio, depois, voltaria? Que vexame!
 Se o desejo porém te inflama o coração,
 tens o tálamo; Hefesto, teu filho, o construiu
 para ti, adaptando aos gonzos portas sólidas.
 340 Vamos para lá, juntos, à cama, tal como
 queres.” E respondeu-lhe Zeus, Ajunta-nuvens:
 “Hera, não temas: deus nenhum, nenhum mortal
 há de nos ver. Farei que nuvem de ouro nos
 envolva e circuntolde. Nem mesmo o sol, Hélios,
 345 a vai devassar, olho de luz agudíssimo.”
 Assim falou o filho de Cronos, nos braços
 tomando a companhia. A terra germinou
 relva tenra sob eles, lótus orvalhado,
 cróceas flores, jacinto fofo-espesso, alfombra
 350 que do solo os soerguia; nela os dois se deitaram
 por nuvem de ouro, linda, velados; chovia
 orvalho em gotas-luz. Zeus pai dormia em paz
 no Gárgaro, por Hipnos domado e Amor, braços
 estreitando a esposa. Hipnos, fundo-suave, às naus

355 dos Aqueus, veloz, baixa a informar o Circunda-
 terra, o Treme-terra. Asas-palavras lhe diz:
 “Ó Posêidon, socorre, benévolo, os Dânaos;
 dá-lhes glória, ainda mesmo breve, enquanto Zeus
 dorme, que eu lhe infundi torpor doce-profundo:
 360 persuadiu-o, insidiosa, Hera a fazer amor,
 deitando-se com ela.” Dizendo isso, foi-se
 para as tribos ilustres dos homens, havendo
 incitado ainda mais o deus em prol dos Dânaos.
 Este, de um salto, pôs-se à vanguarda: “Aqueus, vamos
 365 permitir que Héctor Priâmide aprese as naus curvas
 colhendo nova glória? Isso diz e blasona,
 já que Aquiles, irado, resta junto às naves;
 mas deixaremos de sentir-lhe a ausência, caso
 nos apressemos a nos dar mútuo socorro.
 370 Vamos, todos, façamos como eu digo. Escudos,
 tantos quantos, maiores e melhores, haja
 nas tendas, sobracemos; de elmos oniesplêndidos
 cubramos as cabeças; enristando as lanças
 mais longas, avancemos: eu serei o guia.
 375 Héctor, ainda que bravo, não resistirá.
 Que o mais firme na luta, tendo ao ombro leve
 broquel, o troque por escudo maior, que homem
 menos forte sobrace, e com ele se cubra.”
 Falou. E o tendo ouvido, obedeceram todos.
 380 Os reis, mesmo feridos, Odisseu, Diomedes,
 Agamêmnon, à troca das armas impõem
 ordem, nas tropas: aos valentes, as mais válidas;
 ao mais fraco, as mais frágeis. De um bronze ofuscante
 revestidos, avançam. Posêidon, o Treme-
 385 -terra, os conduz, terrível, pontilonga espada
 na mão robusta, feito um relâmpago. Não
 se podia travar luta com ele, que à gente
 inspirava pavor. Aos Tróicos, Héctor, fúlgido,
 alinhava. Posêidon, cabelo azul-negro,
 390 e Héctor, refulgente, ambos, o fero tendão
 do embate dispararam, Aqueus guiando, ou Tróicos.
 E o mar rebojou contra as tendas e naus gregas.
 As tropas se chocaram com grande alarido.
 Tanto as ondas do mar não rugem contra as praias,
 395 sublevando-se ao sopro ruinoso de Bóreas;

nem tanto o fogo raiva e estrepitoso lavra
 nas brenhas das montanhas, incendiando a selva;
 tampouco o vento brada à roda dos carvalhos
 de altiva cabeleira, a bramir de furor,
 400 quanto o clamor de Aqueus e Troianos ressoa
 apavorante, assim que uns aos outros assaltam.
 Começa o fúlgido Héctor: contra Ajax atira
 o dardo (este, voltando-se, o encarava) e não
 erra: golpeia o ponto onde os talins se cruzam,
 405 o do escudo e o da espada, multicravejada
 de prata; a pele tenra fica protegida.
 Héctor se irrita: a lança da mão lhe saiu vã.
 Para junto dos seus, retorna, foge à Moira.
 No que se retirava, o grande Telamônio
 410 uma pedra – das muitas que rolavam, âncoras-
 -de-naus, aos pés dos combatentes – levantando-a
 do solo, ao peito de Héctor, perto da garganta,
 por sobre a orla do escudo, arremessa e qual pião
 giro-girante, o faz rodar e rodar. Como
 415 sob o raio de Zeus, cai um roble e desarraiga,
 exalando um terrível odor sulfuroso,
 e quem de perto tudo vê, fraqueja, pois
 Zeus fulminante espanta. Assim, abrupta, a força
 de Héctor tomba no pó. Cai-lhe da mão a lança;
 420 mas, o elmo e o escudo restam presos; pluribelas,
 circunreboam suas armas brônzeas. Os Aqueus
 acodem a gritar, no afã de resgatá-lo;
 chovem lanças; ninguém pode o pastor-de-povos
 ferir de perto ou longe: cercam-no os mais fortes,
 425 Polidamante e Enéias, o divino Agenor,
 Sarpédon, chefe lício e Glauco, herói imáculo.
 E nenhum dos demais o descuroou: escudos
 circulares o cobrem; erguido nos braços
 dos amigos e posto fora do conflito,
 430 transportam-no para onde os cavalos velozes
 esperam, com auriga e carro, atrás do aceso
 da luta; à pólis é conduzido, gemendo.
 Quando chegam ao vau do turbinoso Xanto,
 o rio torrentes-belas, gerado por Zeus
 435 eterno, ali do carro o baixam, aspergindo-lhe
 água; tomando fôlego, olhou para cima,

apoiou-se nos joelhos, vomitando sangue
 escuro, e retombou de costas no solo, olhos
 envoltos numa noite negra, o coração
 440 ainda domado pelo golpe. Vendo que Héctor
 se afastava, os Aqueus recrudescem no ataque
 furioso aos Tróicos. Ájax de Oileu, primeiríssimo,
 se atira sobre Sátnio, com hástea de agudo
 freixo (era filho de Ênopo, por ninfa-náia de
 445 lindíssima gerado, à margem do Satnióento,
 onde o pai pastoreava). O Oiliade, bom-de-lança,
 no flanco o fere e abate. Tróicos e Aqueus travam
 terrível luta em torno dele. O vibra-dardos
 Polidamante, filho de Panto, se apressa
 450 em vingá-lo e na espádua destra de Protoênor
 Areilicide finca a lança, atravessando-a;
 ele roja no pó e espalma a mão na terra.
 Polidamante, aos brados, gloria-se, terrível:
 “O filho do animoso Panto não vibrou
 455 com mão robusta, em vão, o dardo. Um dos Aqueus
 o recebeu no corpo, em cheio. Com apoio nele,
 há de descer, presumo, ao domicílio de Hades.”
 Falou. E os Dânaos doeram-se com sua vanglória.
 Mais que todos ressentido o Telamônio no íntimo:
 460 o corpo morto ao lado lhe tombara. Rápido,
 com hástea fulgurante, alanceou o guerreiro
 que recuava. Saltando de viés, esquivou-se
 Polidamante à Moira negra: o golpe atinge
 o filho de Antenor, Arquéloco (os eternos
 465 decretaram-lhe a morte) ali onde o pescoço
 e a cabeça se juntam, na última das vértebras,
 talhando os dois tendões; cabeça, nariz, boca
 batem primeiro em terra que as pernas e os joelhos,
 quando ele cai. E, aos gritos, Ájax ao sem-mácula
 470 Polidamante: “Dize-me – mas sem mentir –
 matar este guerreiro não compensa a morte
 de Protoênor? Vil não me parece, tampouco
 de estirpe vilã. É irmão de Antenor, ginete
 exímio, ou, talvez, filho, vê-se em seu semblante”.
 475 Disse, e com um desdém que os Tróicos ressentiram.
 Incontinenti, Acamas, contra o beócio Prômaco,

que buscava arrastar-lhe o irmão, vibra um lançaço;
 e Acamas, a altos brados, gloria-se, terrível:
 “Aqueus, bons só no berro e na fanfarronada,
 480 a pena e a desventura não serão só nossas;
 há de chegar o dia para vós de morrer
 assim. Reparai como dorme o vosso Prômaco,
 domado por meu dardo, a fim de não deixar
 insatisfeita por tempo demais a dívida
 485 para com meu irmão (por isso auguram todos
 que um vingador, parente seu, reste em sua casa).”
 Falou. E os Dânaos doeram-se com sua vanglória.
 Mais que todos o brioso Peneleu, que investe
 contra Acamas; refoge este ao ataque e o golpe
 490 fere Ilioneu, o filho de Forbas das-mil-
 -ovelhas, entre os Tróicos predileto de Hermes,
 que lhe dera riquezas. Ilioneu era o único
 rebento de sua esposa. A lança, sobranceira
 abaixo, entrou no cavo do olho, fez saltar-lhe
 495 a pupila, passando por través da nuca;
 mãos estendidas, ele baqueou. Peneleu,
 a fio de espada, corta-lhe a cabeça; junto
 com o elmo, ela cai sobre a terra, a hasta robusta
 pendente do olho; erguendo-a feito uma papoula,
 500 aos Troianos a ostenta e lhes fala, gloriando-se:
 “De minha parte, ó Tróicos, anunciai aos pais
 queridos de Ilioneu, que o chorem no palácio;
 tampouco poderá a viúva do Algenóride
 Prômaco festejar sua volta, quando nós,
 505 Aqueus, com nossas naus regressarmos de Tróia.”
 Falou. E os membros deles gelaram de horror.
 Cuidam todos de ver como escapar à morte.
 Ó Musas, que habitais a morada do Olimpo,
 dissei-me quem, primeiro entre os Aqueus, colheu
 510 troféus sanguinolentos, depois que o deus Terra-
 -trememente transtornou a luta. O Telamônio
 começou por ferir Hírcio Guirtiade, hegêmon
 dos Mísios, corações-corajosos. Antíloco
 a dois, Mérmero e Falces, despojou das armas;
 515 Meríone abateu Mórís e Hipotíone; Teucro
 derrubou Perifetes e Protóon; o Atreide

ao príncipe Hiperênor vulnerou nailharga
e de rasgão o bronze desventrou-lhe as vísceras;
pela chaga a psiquê foge veloz; escuro
520 eclipse lhe anuviou os olhos. Ájax, célere,
raça de Oileu, matou muitos: ninguém o iguala
no perseguir quem foge, aterrado por Zeus.